

Exílio, fronteira e fome em *Vidas secas*.

Fabiano Venturotti¹

RESUMO: No nordeste brasileiro, uma família de retirantes foge da seca e da opressão. Este artigo tratará este tema do famoso romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, observando a equilibrada análise sociológica e psicológica desenvolvida pelo autor para expressar a situação do sertanejo Fabiano, homem de inteligência limitada, vítima das condições naturais e sociais. Homem sem iniciativa, sem consciência de classe e passivo, metáfora da condição coletiva de uma situação verídica.

ABSTRACT: In the Brazilian northeast, a miserable family escapes from drought and oppression. This article aims to analyze this motif of the famous novel *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, by observing the balanced psychological and social analysis developed by the author in order to show the situation of the character Fabiano, a man with a limited intelligence, a victim of social and natural conditions. He is a man without initiative, nor class conscience, a passive person, one that represents a metaphor of a collective condition.

PALAVRAS-CHAVE: Graciliano Ramos, indivíduo, seca, exílio, linguagem.

KEYWORDS: Graciliano Ramos, individual, drought; exile, language.

O alagoano Graciliano Ramos (1892-1953) publicou o romance *Vidas Secas* (1938) abordando a problemática da seca e da opressão social. O ambiente da narrativa é o sertão nordestino e quem protagoniza a história é uma família de retirantes fugindo da seca em busca de um ambiente propício para levarem a vida. Essa família é constituída por Fabiano, Sinhá Vitória, O Menino mais Velho, o Menino mais Novo, a cachorra Baleia e um papagaio que morrera para alimentar a família (GONZAGA, 2002).

O estilo da narrativa está em terceira pessoa, pois as personagens quase não falam, expressando-se por toscas palavras, grunhidos,

¹ Mestrando em Estudos Literários. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: fabianoventurotti@hotmail.com

gesticulações e rosnares. Devido a essa linguagem extremamente precária, próxima da animalidade, o narrador necessita, portanto, interiorizar-se em seus pensamentos para revelá-los ao leitor. “A brutalidade da seca faz com que os personagens também se embruteçam, daí a freqüente recorrência do autor ao compará-los com animais, revelando seus aspectos rústicos” (MAYLE, 2007).

Rubem Braga designou *Vidas Secas* como um romance desmontável, pois seus capítulos poderão ser lidos isoladamente, como flashes da existência sertaneja (GONZAGA, 2002). O romance, constituído de treze capítulos, não obstante apresentar-se fragmentário, como quadros de episódios da família, liga-se de modo contínuo, pois o primeiro e o último capítulo tratam do mesmo tema: a fuga da seca. Este caráter revela uma intencionalidade cíclica para a família de Fabiano, pois o mundo fecha-se para eles.

Graciliano Ramos explora a fundo a psicologia de suas personagens, fazendo com que o ambiente geográfico molde a personalidade de cada uma delas. A situação da seca acaba por tornar igualmente seca a vida das pessoas. “A seca e a pobreza calam Fabiano, como se (‘por destino ruim’) ele não tivesse direito nem a um pedaço de terra nem a uma linguagem” (FELINTO, 2007, p. 132). Essa análise tem seu lugar no terceiro capítulo, intitulado “Fabiano”, revelando seu vocabulário reduzido, seu isolamento e rusticidade.

– Você é um bicho, Fabiano. [...] A sina dele era correr mundo, [...] Um vagabundo empurrado pela seca. [...] Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. [...] Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, [...] Fabiano dava-se bem com a ignorância. (RAMOS, 2007, p. 19-22)

O anseio de Fabiano era adquirir uma linguagem capaz de conferir sentido ao mundo à sua volta. Toma como exemplo Seu Tomás da Bolandeira, projetando nele uma dignidade não alcançável. Pelo fato de não saber se explicar entra num isolamento que o aproxima dos

animais com quem se identifica. É submetido ao exílio lingüístico: “Bicho, coisa, escravo: sua auto-imagem é construída a partir de identificações com cachorros, urubus, tatus, patos e com o próprio papagaio mudo que a família um dia tivera”. (FELINTO, 2007, p. 133).

A própria estrutura desconexa do romance remete à incapacidade de Fabiano e sua família em traçarem seu próprio caminho, mergulhados que estão na maneira fragmentada e desconexa de compreenderem a realidade como um todo (GONZAGA, 2002). A linguagem se constitui numa aventura a ser descoberta, um mundo tão hostil quanto a seca do sertão, por isso, a tarefa mais urgente dos meninos sem nome, os filhos de Fabiano, é tentar decifrar este mundo de códigos e signos que os outros possuem melhor do que eles. Este momento é dado de duas maneiras na narrativa e está implícito em seus próprios desejos. O Menino mais Velho — “que tinha o vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca” — queria decifrar o significado da palavra “*inferno*”, pronunciado por sinhá Vitória, sua mãe. Queria descobrir-lhe o verdadeiro significado e tomar posse desse universo abstrato, pois acreditava que “livre dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas”. Para ele, conhecer o sentido das palavras ampliaria sua visão de mundo.

A outra maneira está na própria realidade de não terem um nome. Tão desumanizados e destituídos de si mesmos, permanecem no anonimato, denunciando um descaso com aqueles que vivem no sertão. Não tendo nomes, não possuem identidade e, conseqüentemente, não adquirem direitos. A mudez a que a família é submetida funciona como um elemento de não-humanidade, por isso ela almeja a linguagem como fato libertador de sua condição semi-animalesca. Só a linguagem confere sentido humano à existência (GONZAGA, 2002). Contudo, a posse da linguagem não confere o triunfo sobre a realidade circundante, fato constatado na vida de Seu Tomás da bolandeira. Embora admirado por sua comunicação fácil, não resistiu à seca com todo o seu saber.

Mas, por trás desta estrutura aparentemente desconexa, o romance liga-se num todo com alguns motivos importantes, como o

tema da seca. Em vez de descrever o cenário naturalista, Graciliano Ramos prefere refletir sobre suas conseqüências na própria realidade dos personagens. Assim, a seca determina as duas migrações da família, respectivamente, os capítulos “Mudança” e “Fuga”. É ela que determina a instabilidade de Fabiano e impede a realização do sonho da esposa, Sinhá Vitória, de possuir “uma cama real, de couro e sucupira”. Porém, vivendo naquele sertão, numa fuga constante e num caminhar sem fim, era-lhes impossível pensar na aquisição de bens que depois nem teriam como carregar. A instabilidade gerada pela seca não permite aos sertanejos estabelecer alguma lógica ou alguma idéia de continuidade para as suas existências (GONZAGA, 2002).

Não obstante este quadro psicológico ilustrado por Graciliano Ramos surge no romance o tema das relações sócio-econômicas: brutais e desumanas. No capítulo “Contas”, Fabiano vai acertar a parte que lhe cabe com o proprietário das terras onde reside, mas prova o gosto de ser furtado e ter de pedir ainda desculpas. Pensava consigo: “Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos” (RAMOS, 2007, 97).

Não era apenas o latifundiário que estava ali para esmagar o sertanejo, caiu-lhe também o próprio Estado. Fabiano lembrava-se do imposto obrigado a pagar quando precisou vender um porco e lamentava-se com o cobrador municipal, alegando não entender nada disso de impostos. Era um bruto, afirmava. Eis aqui uma reflexão: o que realmente significaria para o sertanejo, isolado num mundo sem os devidos recursos do Governo, os impostos obrigados a pagar?

Uma situação pela qual passa Fabiano faz pensar no mesmo tema. No capítulo “Cadeia”, um soldado prende Fabiano após um desentendimento num jogo de cartas. Passado algum tempo, a ferida ainda estava cicatrizando quando se depara com o mesmo soldado amarelo que o importunou. Sozinhos, Fabiano sente a oportunidade de liquidar o inimigo. Contudo, vacila. É impelido a não assassiná-lo pela identificação com o papel de autoridade que o soldado representa: “Governo é governo”, exclama Fabiano. Sua noção de destino imutável e

ordenação social dá continuidade ao sistema. Conhecia o seu lugar. Tinha obrigação de trabalhar para os outros.

A hostilidade da natureza e a opressão do sistema rural determinam a eliminação de vários traços de humanidade, levando principalmente Fabiano a desconfiar de sua própria condição, quando no transcurso da narrativa se contempla como um animal. Esta reflexão toma corpo quando colocamos em foco a sua cachorra Baleia, protagonista de um dos capítulos que leva o seu nome e onde expressa uma “faculdade mental” não inferior a da família sertaneja. Em contraste com os meninos sem nome, está a cachorra Baleia, possuidora de um nome, que, ironicamente, remete a um ambiente abundante de água, o mar.

Decretada a chegada da seca, no último capítulo, decreta-se também um novo tempo para a família. É tempo de partir, inaugurando um novo exílio em busca de um paraíso que lhes forneça o mínimo para comer. Expulsos pela situação de extrema miséria, que se confunde com a secura da paisagem e a condição de suas vidas secas, a família parte com um fio tênue de esperança. “Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos?” (RAMOS, 2007, p. 123).

Esta tensão dialética de fronteira entre a condição humana e a não-humana, presente na narrativa, tem seu desfecho no último capítulo, quando definitivamente o autor dá-lhes um caráter humano, afirmando que “O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos” (RAMOS, 2007, p. 128). Nesta perspectiva, assumem o estatuto de homens e não de bichos.

Referências Bibliográficas

- FELINTO, Marilene. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FUNDAÇÃO Joaquim Nabuco. Seca no nordeste brasileiro. Disponível em: <www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 27 fev. 2008.
- GONZAGA, Sergius. *O que observar em Vidas Secas*. São Paulo, 2002. Disponível em:

<<http://educaterra.terra.com.br/literatura/livrodomes/2002/09/03/000.htm>> Acesso em: 14 fev. 2007.

MAYLE, Jorge Alberto Tajra. *Vidas Secas*: Graciliano Ramos. Disponível em: <<http://vbookstore.uol.com.br/resumos/vidassecas.shtml>> Acesso em: 14 fev. 2007.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102^a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2007.